

**COLÉGIO PEDRO II  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,  
EXTENSÃO E CULTURA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SABERES E  
FAZERES NO ENSINO DE ARTES VISUAIS**

**BARBARA DE QUADROS SARAIVA**

**REFLEXÕES SOBRE O CADERNO DE ARTISTA**  
Uma escrita-descoberta

Rio de Janeiro  
2021

**BARBARA DE QUADROS SARAIVA**

**REFLEXÕES SOBRE O CADERNO DE ARTISTA**

Uma escrita-descoberta

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.  
Orientador: Prof. Dr. Alexandre Guimarães.

Rio de Janeiro

2021

**COLÉGIO PEDRO II**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**  
**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**  
**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

S243 Saraiva, Barbara de Quadros  
Reflexões sobre o caderno de artista: uma escrita-descoberta / Barbara de Quadros Saraiva. - Rio de Janeiro, 2021.

36 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Sabres e Fazes no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Alexandre Guimarães.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Desenho. 3. Livro de artistas. 4. Materiais de artistas. 5. Escrita. I. Guimarães, Alexandre. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 700

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

**BARBARA DE QUADROS SARAIVA**

**REFLEXÕES SOBRE O CADERNO DE ARTISTA**

Uma escrita-descoberta

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em 30 de setembro de 2021.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Alexandre Guimarães (Orientador)  
PROPGPEC – Colégio Pedro II  
Orientador

---

Profa. Mestre Raquel Teixeira De Souza  
SFEAV/DAV-Colégio Pedro II

---

Profa. Dr<sup>a</sup> Greice Cohn  
SFEAV/DAV-Colégio Pedro II

Dedico este trabalho, de todo meu coração, à minha criança interior, à minha Mãe, e à minha colega e amiga Ingrid, que está no céu.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço sem medida aos mais que queridos professores desse curso, Shannon, Ed, Vivi, Eliane, Eloisa, Grace, Janaina, Rosi, Lia , Raquel, Carine, Analu, em especial ao meu orientador Alexandre Guimarães, pela beleza de suas palavras sempre inspiradoras, a todos os meus queridos colegas de turma, sem os quais a caminhada não teria sentido, ao apoio das amigas-irmãs Ingrid (In Memoriam), Vanessa e Vaninha, à Jacque por me emprestar sua voz quando precisei, à minha mãe, Maria Carolina, sempre amiga e companheira, por ter me dado tanto, ao meu marido Rostand por seu amor e por todo o apoio, aos meus filhos Theo e Branca por todo amor e inspiração, e à natureza de todas as coisas.

“A cada passo dado não tem ré”  
(Pedra Homem)

**Capa do caderno - Caderno brochura com colagem**



Fonte: acervo da autora.

## RESUMO

SARAIVA, Barbara de Quadros. **Reflexões sobre o caderno de artista** – Uma escrita-descoberta. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2021.

Relato da experiência, envolvendo a descrição e análise do percurso artístico junto ao desenvolvimento de uma narrativa poética autoral. Trata-se do processo nominado de *escrita-descoberta* considerando a minha produção visual por intermédio do caderno de artista, em conexão com os temas abordados nas aulas do curso de especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais. O trabalho aponta/ sinaliza para a necessidade de se dar importância ao pensamento pelas imagens, em diálogo com o conceito de *a/r/tografia*. Assim, o material produzido e apresentado é fruto de um caminho discursivo que se articula a múltiplos saberes, encontrando importância na construção do pensamento crítico e poético, revelador de subjetividades, inquietações e o reconhecimento sobre si mesmo. Nesse percurso criativo e reflexivo, texto e imagem se completam, se refutam e se buscam neste complexo jogo de saberes e fazeres, podendo servir como fonte de inspiração ou mesmo como ferramenta pedagógica para diversos segmentos, defendendo-se a ideia de que é possível a instrumentalização, a manipulação, e a análise de conhecimentos pela via da expressão da arte.

**Palavras-chave:** Caderno de artista. Escrita-descoberta. Experiência. *A/r/tografia*.

## ABSTRACT

SARAIVA, Barbara de Quadros. **Reflections on the artist's notebook** - A writing-discovery. 2021. Course Conclusion Paper (Specialization in Knowledge and Skills in Visual Arts Teaching) - Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2021.

Experience report, involving the description and analysis of the artistic path together with the development of an authorial poetic narrative. This is the so-called writing-discovery process considering my visual production through the artist's notebook, in connection with the topics covered in the classes of the specialization course Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais. The work points/ signals the need to give importance to thinking through images, in dialogue with the concept of *a/r/tography*. Thus, the material produced and presented is the result of a discursive path that articulates multiple knowledge, finding importance in the construction of critical and poetic thinking, revealing subjectivities, concerns and self-recognition. In this creative and reflective path, text and image complete, refute and seek each other in this complex game of knowledge and practices, which can serve as a source of inspiration or even as a pedagogical tool for different segments, defending the idea that it is possible to instrumentalization, manipulation, and analysis of knowledge through the expression of art.

**Keywords:** Artist's notebook. Writing-discovery. Experience. *A/r/tography*.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Folha de rosto do Caderno - Carta da Prof <sup>a</sup> . Lia Gautério – Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais do CPEI .....	15
Figura 2 - Primeira página - A árvore e todos os personagens .....	17
Figura 3 - A Árvore de todos os saberes - Jaider Esbell – 2013.....	18
Figura 4 - Primeiro personagem: O monstro, o diferente .....	19
Figura 5 - Capa do caderno - Caderno brochura com colagem .....	21
Figura 6 - Tronco de madeira em aquarela sobre registros da aula de História do Brasil Colonial .....	22
Figura 7 - Hachura com XXX e rabiscos na aula da convidada artista performática feminista Flora Bulcão, em 25/5/2019, colados sobre a página do caderno com registros de mesma data em 1993.....	23
Figura 8 - Folhas bordadas sobre hachura com lápis de cor .....	24
Figura 9 - Estampa com textura animal no corpo .....	25
Figura 10 - Textura ao redor .....	25
Figura 11 - Capa do anexo - Verbete do livro “Desdicionário” de Daniela Belmiro ...	26
Figura 12 - Anexo – Lado B, Capa. Sobre o significado de “esperançar” de Paulo Freire .....	26
Figura 13 - Anexo – Página 1- Poema “Difícil fotografar o silêncio” de Manoel de Barros .....	27
Figura 14 - Anexo – Lado B, Página 1. Título com a frase de Pedra Homem .....	27
Figura 15 - Foto de obra do Projeto Morrinho .....	29
Figura 16 - Bordado sobre foto de <i>folha bordada</i> do Museu do Artesanato do Estado do Rio de Janeiro .....	29
Figura 17 - Foto de processo artístico em visita ao Instituto Municipal Nise da Silveira (IMNS).....	30
Figura 18 - Página com frase de Ailton Krenak e Walter Benjamin sobre crianças...	30
Figura 19 - Página do trabalho que não consegui ler (e foi lida pela Jacque).....	31
Figura 20 - Para Daniel Munduruku (2009, p. 79) .....	31
Figura 21 - As grades na educação .....	32

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO – Abertura para novos caminhos e descobertas.....</b>	<b>12</b>
<b>2. DESENVOLVIMENTO – Caminhos e descobertas em processo .....</b>	<b>13</b>
2.1 Escrita-descoberta .....	13
2.2 O começo – o mergulho poético .....	15
2.3 Mergulho mais profundo .....	17
<b>3. CONSIDERAÇÕES “FINAIS” .....</b>	<b>33</b>
<b>4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>34</b>
<b>APÊNDICE A – LINK PARA ACESSO AO CADERNO DE ARTISTA .....</b>	<b>36</b>

## 1. INTRODUÇÃO – Abertura para novos caminhos e descobertas

O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição”(nossa maneira de opormos), nem a “im-posição”(nossa maneira de impormos), nem a “pro-posição”(nossa maneira de propormos), mas a “ex-posição”(nossa maneira de expormos), com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se expõe. (BONDÍA J.L., 2002, p. 161).

O presente trabalho tem o objetivo de examinar e refletir simetricamente sobre a produção de uma narrativa poética autoral, ativando-se, nesse sentido, texto e imagem como recurso de um percurso crítico reflexivo, valorizando cada experiência na construção do caderno de artista apresentado. Assim, nesta caminhada repleta de devires, se expõe sobre a maneira como as produções artísticas que ele contém contribuíram para a construção e aprimoramento da minha subjetividade, do meu autorreconhecimento como professora, investigadora e artista. Narrativa que, carinhosamente, chamo de *escrita-descoberta*.

A forma como narro os acontecimentos e as leituras que me permito fazer no presente trabalho são posteriores às produções e exercícios artísticos, numa leitura posterior ao caderno já realizado. Quando apresentei o caderno aos professores, ainda não conseguia tecer as relações entre as práticas artísticas e as práticas docentes. Estava imersa naquele universo criativo produtivo, que perdurou até a última aula. Somente passados alguns meses senti a necessidade de fazer essa leitura contextualizada, que descrevo e analiso a seguir de outra forma, se somando ao desenvolvimento do trabalho visual, que se confunde com o meu olhar de cenógrafa. Na verdade, um duplo exercício de pensamento, envolvendo imagem e texto que agora, enfim, se completam.

## **2. DESENVOLVIMENTO – Caminhos e descobertas em processo**

Minha intenção não é me limitar a explicar cada página e o processo de cada obra em si, pois não tenho a intenção de defini-las, em concordância com o pensamento de Cocchiarale (2007), quando diz que ao reduzir uma obra a uma explicação, você mata sua riqueza polissêmica e ambígua, e procura nela, como se fosse possível, um sentido unívoco. E considera que, na contemporaneidade: “O que está em questão não é a busca ansiosa pela explicação verbal de obras reais e concretas, como se sem a palavra fosse-nos impossível entendê-las”. (COCCHIARALE, 2007, p. 14).

Esta narrativa teve como fio condutor os temas abordados nas aulas do curso de especialização em Saberes e fazeres no Ensino de Artes Visuais, turma de 2019, onde minhas produções e pesquisas foram permeadas por minhas memórias afetivas, e foi construída no revelar do processo, ao me revelar no caminho. Proporcionando-me, através de uma “Pesquisa Viva” (IRWIN, 2013, p. 29) junto à compreensão dos conceitos de a/r/tografia, o vínculo com as experiências, onde não buscava certezas, mas, exercitar a prática artística, ampliar perspectivas, melhorar entendimentos, o que se faria nos âmbitos pessoal e profissional.

### **2.1 Escrita-descoberta**

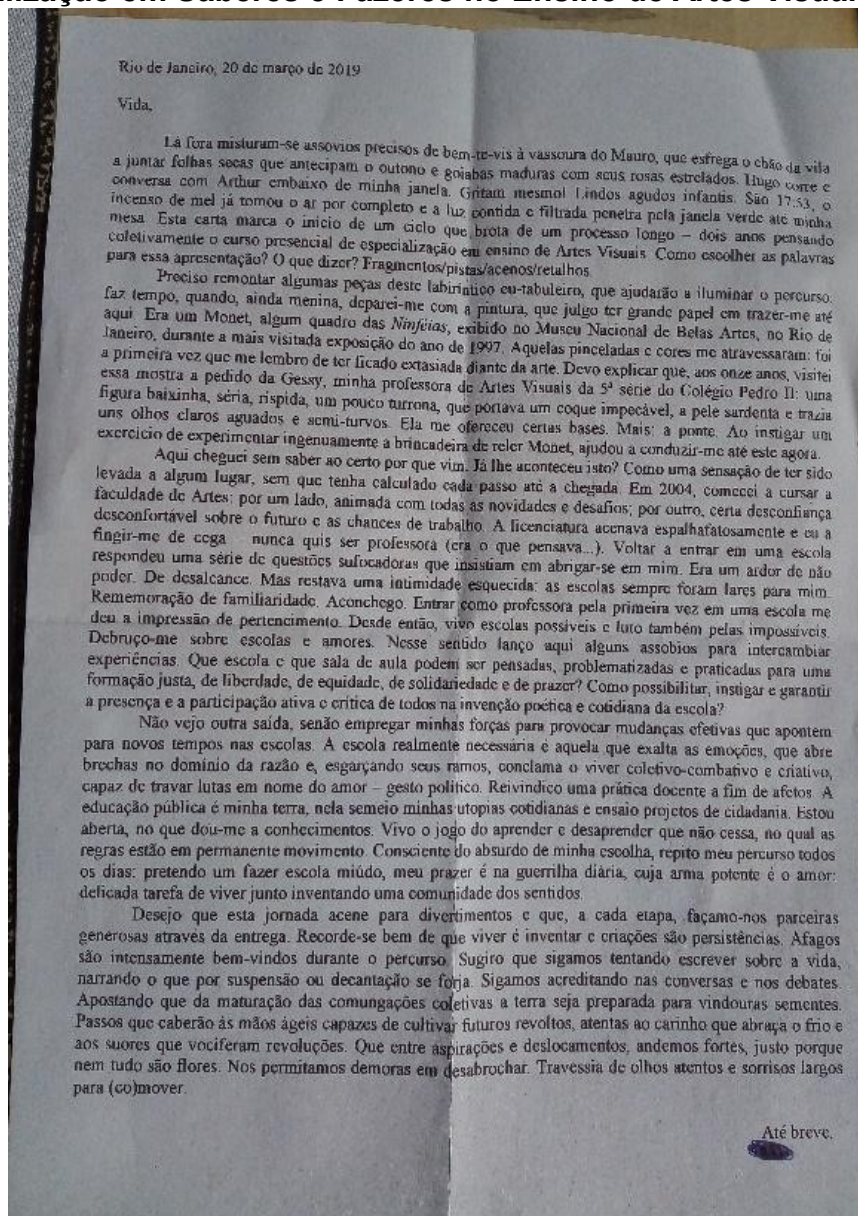
A experiência, na medida em que é experiência, consiste na acentuação da vitalidade. Em vez de significar um encerrar-se em sentimentos e sensações privados, significa uma troca ativa e alerta com o mundo... (DEWEY, 2010, p.83)

Era 23 de março de 2019.

Logo na primeira aula, a aula inaugural do curso de pós-graduação em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais do Colégio Pedro II, quando, cheia de insegurança, pensava como conseguiria me encaixar num ambiente acadêmico, que julgava seria rígido, severo, sem pausas e respiros, me deparei, com surpresa, imersa num ambiente preenchido por poesia e afeto. Cada professor havia escrito uma carta para ser escolhida e lida por algum aluno. Foi um momento intenso, de pura doação e receptividade. Estava tão insegura, que mal podia ler a carta que

escolhi. E que carta! Quanta poesia! Será que daria a entonação certa para aquelas palavras? Fiquei tão nervosa que nem me lembro como as li. Mas, nunca esquecerei o que significaram para mim. A carta falava de familiaridade, aconchego e pertencimento. Que escolas são lares. E fazia perguntas como: “Que escola e sala de aula podem ser pensadas, problematizadas e praticadas para uma formação justa, de liberdade, de equidade, de solidariedade e de prazer?” “Como possibilitar, instigar e garantir a presença e a participação ativa e crítica de todos na invenção poética e cotidiana da escola?” que se tornaram objetivo, compromisso da minha formação naquela instituição.

**Figura 1 – Folha de rosto do caderno. Carta da Prof<sup>ª</sup>. Lia Gautério – Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais do CPII**



Fonte: acervo da autora.

Todos os professores fizeram apresentações atenciosas e muito verdadeiras de si mesmos, onde percebíamos muita emoção em suas falas. Falas verdadeiramente inspiradoras.

Na segunda parte da aula, naquele mesmo dia, já na Sala de Artes Visuais do Campus de São Cristóvão II do Colégio Pedro II, onde aconteceram grande parte de nossas aulas, tivemos como proposta começar ali, o que para mim seria um desafio, a confecção de um caderno de artista, num percurso criativo que duraria todo o tempo do curso. Uma espécie de diário, registro artístico poético das aulas.

## **2.2 O começo – o mergulho poético**

"E minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim." (KRENAK, 2019, p.27)

Para mim foi um momento bem difícil, pois já havia experimentado a prática artística de muitas formas, trabalhando como cenógrafa, há vinte anos, mas a arte com a qual dialogava sempre teve uma funcionalidade, fosse para a interação com atores, ou como ambiente ou percurso para um público. No meu caderno iria me expor como pessoa. Muitos materiais e papéis e revistas ficaram a nossa disposição, e selecionei o mais que pude de imagens, pois queria começar logo: o que quer que fizesse naquele dia, seria a minha primeira página. E foi. Tinha alguma intimidade com recorte e colagem, e compus ali um lar de diversos personagens, uma árvore cheia de personagens fictícios e pessoas de verdade. Encontrei de tudo, desde Saci, Papai Noel e coelho da Páscoa até gente vestida de "índio" pulando carnaval, palhaços, cartas de baralho falantes e bichinhos coloridos fofos, saídos de grafites dos muros da cidade. Não tinha certeza de nada naquele momento. Ao término da aula não quis apresentar meu trabalho, a maioria ali já apresentava narrativa própria, que, por insegurança, eu nem mesmo via em minha colagem. O tema era gente, toda a gente que habita a natureza. Mas só soube disso bem depois. E só mais tarde ainda percebi que todos os personagens que escolhi eram ilustrações, desenhos, criações do imaginário de alguém. Precisei de tempo, de distanciamento e de observação. Vejo importante citar Aldo Vitorio Filho (2019) quando diz: "Se a arte pode ser, sem grandes riscos, considerada uma dimensão humana para além

do dizível, a imagem visual fora da intenção artística, ao contrário, tem relação intensa com a linguagem, aportando, freando, reduzindo e ampliando enunciados” (VITÓRIO FILHO, 2019, p. 78).

**Figura 2 – Primeira página - A árvore e todos os personagens**



Fonte: acervo da autora.

Naquele primeiro dia, ainda não era caderno, eram folhas separadas, mas precisava de um caderno para aquela história que eu contaria. Como se o caderno pudesse criar a narrativa. Decidi que faria as páginas separadas até encontrar um suporte à altura. Naquele momento, não tinha clareza do que pretendia, de forma inconsciente, reunira diversos povos, carregados com seus saberes e me arrisco, sem julgamento a fazer uma analogia entre minha casa-árvore e *A Árvore de Todos os Saberes* – Painel coletivo Proposto pelo artista Macuxi Jaider Esbell em 2013, na UFMG, durante a exposição coletiva ¡MIRA! – Artes Visuais dos povos indígenas. A proposta coletiva reuniu artistas indígenas do Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador e Peru. Na obra, cada círculo na grande árvore tem uma assinatura cultural, que identifica um povo específico. O painel tem assinaturas de diversos povos da Amazônia, Américas e Estados Unidos. Era como se eu também precisasse procurar conhecer através da arte, aqueles povos que escolhi reunir na casa-árvore e na *floresta de signos* que estava criando, em diálogo com outros saberes.

**Figura 3 – A Árvore de todos os saberes - Jaider Esbell – 2013**



Fonte: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2017/06/02/exposicao-epu-tito-artes-e-indigenas-hoje-textos-da-curadoria-4/>

### 2.3 Mergulho mais profundo

Considera-se como acontecimento artístico todas as formas que incitem o pensamento artístico, sejam elas imagéticas visuais, sonoras, gestuais, etc. A palavra imagem não tem somente e conotação visual, mas remete à imaginação. Considera-se que várias são as formas de se pensar uma imagem, seja ela sonora, gestual ou gráfica e que a construção de conhecimento em Arte é uma ação corpórea que move tanto quem ensina quanto quem aprende. Por isso, a formação do professor@artista precisa instaurar afecções várias e diversas, de forma que a ação educacional seja pensada e proposta com vistas à construção de conhecimento como criação. (PIMENTEL, 2016, p. 11). [...]

“É pelo pensamento que acontece o sentido. É via metáfora, na tensão entre imaginação e imagem, que acontece a construção de conhecimento, ou seja, a aprendizagem”. (PIMENTEL, 2016, p. 15).

Demorei até conseguir continuar, preocupada em ter que criar algo especial e incrível, me exigia coerência, mas sabia era de liberdade o que se precisava para fazer arte. Só peguei de volta para fazer em meados de maio. Fiz a segunda página depois das primeiras matérias, e apenas depois de buscar e trabalhar as narrativas da arte, na disciplina Narrativas da história da arte e imagens, pude começar a construir a minha. Viajamos até São Paulo num final de semana que foi pura inspiração. Fomos à Pinacoteca e ao MASP e ainda me lembro de como fiquei paralisada frente a frente à Ressurreição de Cristo, de Raphael de como fotografei

vários dos inúmeros serezinhos que o quadro de Bosh, As tentações de Santo Antão, continha. Totalmente arrebatada pela beleza da obra, entendi que precisava conhecer cada ser em meu caderno.

Nas aulas de Gênero e Sexualidade, ocupando o espaço de uma sala de aula onde tínhamos os apelos e os recursos de uma sala-ateliê no Campus de São Cristóvão II, pude trabalhar e identificar cada personagem, suas identidades, personalidades e respectivas características que, ao longo do meu trabalho, tanto como aluna, professora, artista e investigadora de arte, fui me tornando capaz de perceber. Dali para frente, aprendendo a refletir sobre tais aspectos, verifiquei a importância de observar e aceitar as diferenças, em conexão com a ideia de pertencimento. Percebi que todo conhecimento é fruto das trocas, instrumentalização dialógica na formação pedagógica crítica em artes, na percepção ampliada de si mesmo e do outro. Tive mais clareza sobre como seguiria com o meu caderno. Resolvi que desenvolveria cada um dos personagens que coloquei ali naquela casa-árvore em uma página do caderno, como se eu mesma, ao escolher todos aqueles serezinhos tivesse me encarregado dessa tarefa. Sensação de alívio de encontrar uma narrativa, me encontrando mais tranquila, aceitava que pudesse haver intercorrências no percurso, mas já tinha alguma noção do caminho a percorrer.

**Figura 4 – Primeiro personagem: O monstro, o diferente**



Fonte: acervo da autora.

## 2.4 Meu suporte – experiência e história

"A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, o que acontece ou o que toca." (BONDÍA, 2002, p. 154).

A nossa turma tinha alunos de todas as idades e até mesmo os mais novos eram bastante experientes. Questionava-me sempre por não ter experiência docente em Artes Visuais e sim estar ali me preparando para tal, e que precisava aceitar que minha experiência de vida pudesse ser aproveitada na minha preparação para a docência, e foi isso que me vi fazendo.

E minhas memórias, guardadas ali naquele caderno, funcionariam como metáforas da vida cotidiana que alimentariam e, me afetando, me proporcionariam o fazer artístico.

Não me lembro até quando eu fiz o caderno em folhas separadas, até que, num dado momento, encontrei o suporte perfeito. Queria que minhas experiências de vida – entendendo experiência como Jorge Larrosa (2002, p. 20) defende, como algo generoso que nos atravessa, nos passa, nos acontece –, também estivessem ali, presentes e até mesmo representadas visualmente. A sensação é de que consegui atingir esse propósito, em amplos sentidos. Sempre conservei comigo registros da minha história, bilhetes, palavras recortadas, recortes de imagens, livros com dedicatórias, apostilas, desenhos, cartas de amigos, cartas de amor, cartões-postais, papéis, notícias de jornal e muitos, muitos objetos! E, até hoje, por mais que de vez em quando, por necessidade de espaço, eu precise me desfazer de alguns pertences, existem alguns que guardo com muito carinho e cuidado, como se eu pudesse através deles acessar todas as memórias que eles guardam. Havia em meus guardados um caderno brochura, pautado, tamanho ofício, um caderno de ata, daqueles com a capa pintadinha de preto e branco, pois é, eu tinha um para registrar a entrada e saída de visitantes na sala da presidência de uma repartição pública onde trabalhava como recepcionista, aos dezenove anos, quando ainda era estudante do curso de Filosofia na UFMG. Naquela época, aquela capa dura preta e branca me pareceu muito convidativa e resolvi fazer uma colagem, linda, e a cara dos anos 1980, na capa daquele caderno.

**Figura 5 – Capa do caderno - Caderno brochura com colagem**



Fonte: acervo da autora.

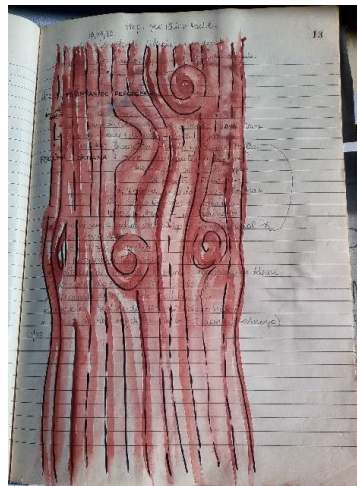
Vivi minha adolescência nessa década. Ainda adolescente, em meados dos anos 80, fazia colagens de recortes de revistas, utilizando velhos pôsteres que encontrava, como suporte. Em um deles, coleí objetos, conectando histórias de objetos de estimação e objetos aleatórios encontrados na rua. Era onde eu primeiro me expressava artisticamente. E aquele caderno foi um convite a me questionar "Como vai você, Geração 80?". Aqueles anos 80 representados pela exposição de mesmo nome realizada na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro, aberta em 14 de julho de 1984, onde curadores e críticos são unânimes em apontar a marca diferencial da nova geração. Estimulada pelo novo cenário de abertura política, e vinda de uma escola que promovia novas experimentações, a geração 80, reunida ali naquela exposição, marcou um tempo, mostrou sua multiplicidade de tendências artísticas, de conceitos, técnicas, formatos, volumes e suportes não formais, sua originalidade, tendo como marca, além do informalismo, a liberdade, característica que considero tão necessária à arte. Produzindo uma arte menos racional e mais subjetiva, aquela geração expôs e promoveu a diversidade. *"O novo país que estava surgindo estava ávido de imagens e o corpo, em todas as suas acepções, foi tema de ação dessa jovem geração de artistas que surgia..."*, nas

palavras de Marcus de Lontra Costa (ONDE ESTÁ VOCÊ GERAÇÃO 80?, 2004, p.7). Na diversidade evidente deste grupo, Sandra Magger completa: “A nova arte reflete os novos caminhos da pintura da geração 80, distante da racionalidade da arte dos anos 70 - conceitual”. Frederico Moraes indica direção semelhante, considerando as atitudes poéticas deste novo país que surgia no início dos anos 1980, com as quais me identifico:

Diferentemente das vanguardas dos anos 60 (artísticas ou políticas), que sonhavam em colocar a imaginação no poder, que acreditavam ser a arte capaz de transformar o mundo, que se iludiam com as utopias sociais, os jovens artistas de hoje descreem da política e do futuro (...). E, na medida em que não estão preocupados com o futuro, investem no presente, no prazer, nos materiais precários, realizam obras que não querem a eternidade dos museus nem a glória póstuma. (ONDE ESTÁ VOCÊ GERAÇÃO 80? – CCBB, 2004, p. 101)

Ali naquele caderno estavam registrados datas e horários de entradas de pessoas, de maio de 1993 a fevereiro de 1994. Algo que nem eu mesma na época via sentido em fazer. Além disso, anotações com o registro escrito das aulas de Semiótica e História do Brasil Colonial, duas matérias do primeiro período do curso de história da UFPEL, que cursei no primeiro semestre de 1996.

**Figura 6 – Tronco de madeira em aquarela sobre registros da aula de História do Brasil Colonial**



Fonte: acervo da autora.

Relendo a aula de História do Brasil Colonial que frequentei na referida formação, por debaixo desse tronco desenhado, observamos os efeitos do colonialismo, que

perduram até os dias de hoje e que mantém a hegemonia cultural branca, eurocêntrica, mesmo que claramente não faça sentido numa sociedade tão miscigenada como a brasileira, como explicita Davi Kopenawa em *A Queda do Céu* (2015):

Por manterem a mente cravada em seus próprios rastros, os brancos ignoram os dizeres distantes de outras gentes e lugares. Se tentassem escutar de vez em quando as palavras dos *xapiri*, seu pensamento talvez fosse menos tacanho e obscuro. Não se empenhariam tanto em destruir a floresta enquanto fingem querer defendê-la com leis que desenham sobre peles de árvores derrubadas!. (KOPENAWA, 2015).

Neste sentido, fiz questão de não apagar os registros desta memória sobre a minha formação; não queria evidenciá-los, mas apenas torná-los um fundo. Assim, era como caminhar por cima de pegadas feitas no caminho. Também somos camadas. Porque toda experiência é pano de fundo, seja do cotidiano, seja da arte. Numas páginas fiz hachuras com inúmeros xxx de caneta, noutras com risquinhos de lápis de cor colorido em toda a página, noutras apenas coleí por cima as páginas avulsas. Duas delas, incrível e coincidentemente na mesma data, exatos 28 anos depois. Nesse sentido, acentua-se nesta análise, a valorização de camadas, revelando, pouco a pouco, pistas aos leitores, constituindo uma cartografia de signos dadas em surpresas e descobertas, estabelecida pela “(...)inseparabilidade entre o conhecer e o fazer”, pelo “(...)caminhar que traça, no percurso, as suas metas.” (KASTRUP, 2009, p. 17).

**Figura 7 – Hachura com XXX e rabiscos na aula da convidada artista performática feminista Flora Bulcão, em 25/5/2019, colados sobre a página do caderno com registros de mesma data em 1993**



Fonte: acervo da autora.

**Figura 8 – Folhas bordadas sobre hachura com lápis de cor**



Fonte: acervo da autora.

Ordenei tudo que já tinha feito e coleí em sequência cronológica para criar a linha do tempo. Em paralelo às aulas de Artes Visuais e Culturas – do direito ao desafio, que nos propunham estabelecer relações entre o passado e o futuro, questionando quais as mudanças que queremos e as que precisávamos ser.

Em a Arte da Contemporaneidade como fundamento para o Ensino da Arte, visitamos o coletivo Opavivará, e nos carimbamos com texturas animais que inspiraram algumas páginas. Fui levada a acreditar que também era uma artista. A professora Greice Cohn me apresentara um desafio, se eu não me aceitasse enquanto uma artista, que queria ser, mas não me sentia, não faria sentido nenhum o meu esforço em estimular e educar pequenos artistas. Greice nos disse que considerava uma forma de prepotência quando ao falarmos de nossas produções artísticas, as julgássemos uma arte inferior, como se nos julgássemos ao mesmo tempo muito superiores ao que produzimos. Fez total sentido pra mim. Concordei e segui. Aceitando-me, me permitindo descobrir, experimentando mais, recortes, colagens, misturas, linhas, tecidos, costuras, pesquisando todos os materiais possíveis aos quais eu tinha acesso e tendo minhas próprias experiências de investigação artística. Primeiro, vendo-as como a artista, o que apenas posteriormente, no final do curso, veria como a fruidora. Rita Irwin (2013) sobre

A/R/TOGRAFIA, investigação que é impregnada de prática, diz que:

A/r/tógrafos concentram seus esforços em melhorar a prática, e compreendê-la de uma perspectiva diferente, e/ou usar suas práticas para influenciar a experiência dos outros. Pensando as práticas artísticas como ocasiões para produzir conhecimento. (IRWIN, 2013, pág. 29).

**Figura 9 – Estampa com textura animal no corpo**



Fonte: acervo da autora.

**Figura 10 – Textura ao redor**



Fonte: acervo da autora.

Visitamos inúmeros lugares, autores, artistas, teóricos e poetas e víamos poesia em tudo nas aulas de Cultura Visual e Cotidiano Escolar. Exercitamos nossa sensibilidade em cada momento. Fui apresentada a Pedra Homem, um professor baiano, poeta, multiartista maravilhoso que se autointitula um “profeflor” e que em uma de suas músicas canta que “a cada passo dado não tem ré”, não só revelando, mas quase profetizando que em cada história só se anda para frente. A poesia era praticamente nossa única linguagem em sala de aula. Nesse momento precisei

construir outro caderno, produzido para essa disciplina, mas que integraria o caderno de artista, sendo uma espécie de parênteses para explicar minha história através de texto e fotografias. Usei como título a música de Pedra, e ali descreveria minha trajetória de vida que insistia em me tornar professora. Construí um registro escrito, ilustrado com fotografias do passado e do presente. Aquelas palavras reforçavam o que eu era, que vinha de uma família de professoras e o que finalmente assumiria e aceitaria como destino. Considero esses escritos como parte do caderno de artista, pois ali experimentei mais a fundo a arte da escrita-descoberta de mim mesma.

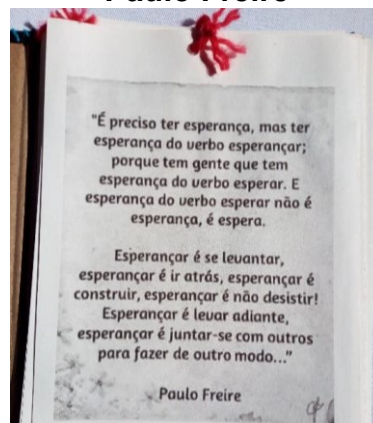
A/r/tografia vai além da visão de dualidade da arte e da a/r/t para incluir uma próxima dualidade que é a escrita ou a 'grafia'. Arte e escrita unificam o visual e o textual por se complementam, se refutam e se salientam uma a outra. (IRWIN, p. 93).

**Figura 11 - Capa do anexo - Verbete do livro “Desdicionário” de Daniela Belmiro**



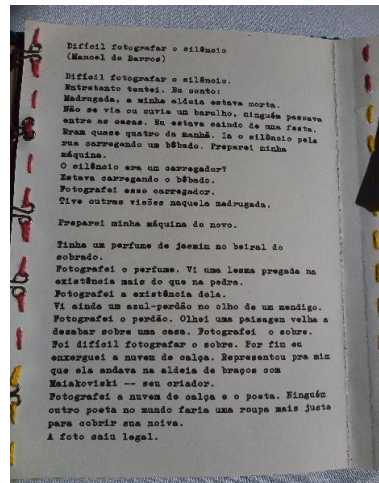
Fonte: acervo da autora.

**Figura 12 - Anexo – Lado B, Capa. Sobre o significado de “esperançar” de Paulo Freire**



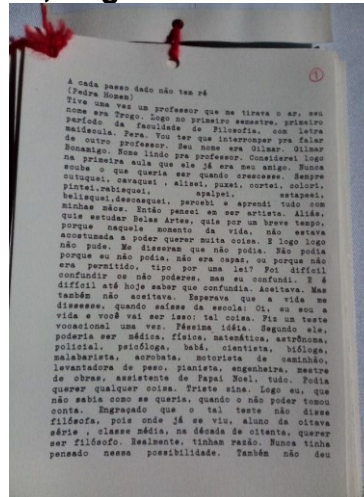
Fonte: acervo da autora.

**Figura 13 - Anexo – Página 1- Poema “Difícil fotografar o silêncio” de Manoel de Barros**



Fonte: acervo da autora.

**Figura 14 - Anexo – Lado B, Página 1. Título com a frase de Pedra Homem**



Fonte: acervo da autora.

Nas disciplinas que se seguiram, *Perspectivismos ameríndios e saberes urgentes no terreno educacional em Artes Visuais e Relações étnico-raciais, artes africanas e afro-brasileiras no ensino de Artes Visuais*, fomos estimulados à busca e à observação deste pluriverso que habitamos, das perspectivas culturais e artísticas que revelam a sabedoria das comunidades de matrizes africanas, representativas também de diversos cosmos que compõe as raízes ancestrais dos povos originários. Tais disciplinas tinham como objetivo trazer à mostra o que se mantinha invisibilizado, estudando também a razões dessa invisibilidade. E a proposta era ainda maior, de ir além, revelando a possibilidade de se observarem os múltiplos planos cósmicos dos “perspectivismos” (Viveiros de Castro, 2004), desbravando caminhos possíveis na ausência de separação entre natureza e cultura, cultivadas

na experiência mágica do *bem-viver*.

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que esse tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades – as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com liberdade que fomos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas visões, nossas poéticas sobre a existência. (KRENAK, 2019, p. 32 e 33).

Ailton Krenak (2019) afirma também, em suas *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (2019), ainda tratando sobre diferenças e subjetividades, que: “*Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós, que está aqui é diferente do outro, como constelações*”. O líder indígena também observa que:

O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam criar nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos. (KRENAK, 2019, p. 33).

Assim, sensibilizada com o impacto destes ensinamentos, minha produção artística para o caderno nessa fase passou a valorizar o registro fotográfico de cenas, obras, lugares e artistas representantes das culturas dos povos originários indígenas e de configuração afro-brasileira. Conhecemos o Projeto “Morrinho” que começou em 1997 da iniciativa de dois irmãos, duas crianças que em seu próprio criar-brincar, se descobriram reproduzindo seu mundo, as ruas e casas da comunidade do morro Pereira da Silva, com tijolos convertidos em materialidade artesanal, lindamente pintados e organizados conforme a geografia lúdica que impera no local até hoje, traduzido em um espaço comunitário coletivo e cultural que une criatividade, turismo, educação e ativismo social.

**Figura 15 - Foto de obra do Projeto Morrinho**



Fonte: acervo da autora.

Viajamos para conhecer as maravilhas do Museu do Artesanato – Casa de Cultura Cocco Barçante, em Petrópolis, lugar mágico que inclui em seu acervo, entre tantas obras, uma delicada e cuidadosa coleção de peças de bordado de diversas dimensões e formatos. Um lugar de aconchego, cheio de arte, de simplicidade, de cotidiano e de tradição, envolvendo os saberes e fazeres de diversas comunidades artesãs do Estado do Rio de Janeiro.

**Figura 16 - Bordado sobre foto de *folha bordada* do Museu do Artesanato do Estado do Rio de Janeiro**



Fonte: acervo da autora.

No Museu de Imagens do Inconsciente no Instituto Municipal Nise da Silveira pudemos entrar em contato com a utilização da linguagem plástica e visual como forma de tratamento para a Saúde Mental. A Dr<sup>a</sup> Nise da Silveira, repleta de sabedoria, afirma que:

A experiência do Museu comprova, porém, que desenho e pintura não só constituem excelente meio de pesquisa, mas igualmente são instrumentos da maior importância terapêutica. As imagens do inconsciente objetivadas na pintura, tornam-se passivas de uma certa forma de trato, mesmo sem que haja nítida tomada de consciência de suas significações profundas. (SILVEIRA, 1992).

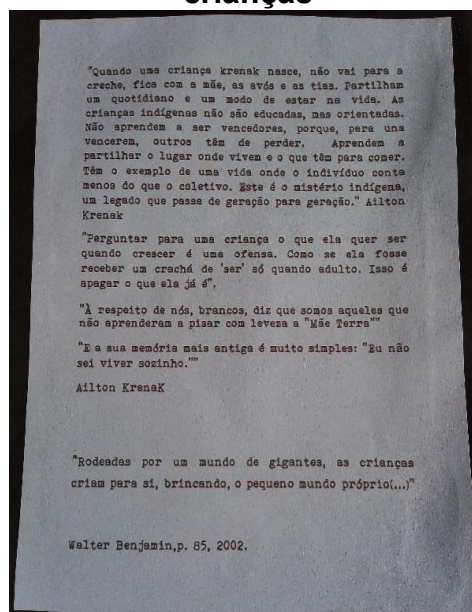
**Figura 17 - Foto de processo artístico em visita ao Instituto Municipal Nise da Silveira (IMNS)**



Fonte: acervo da autora.

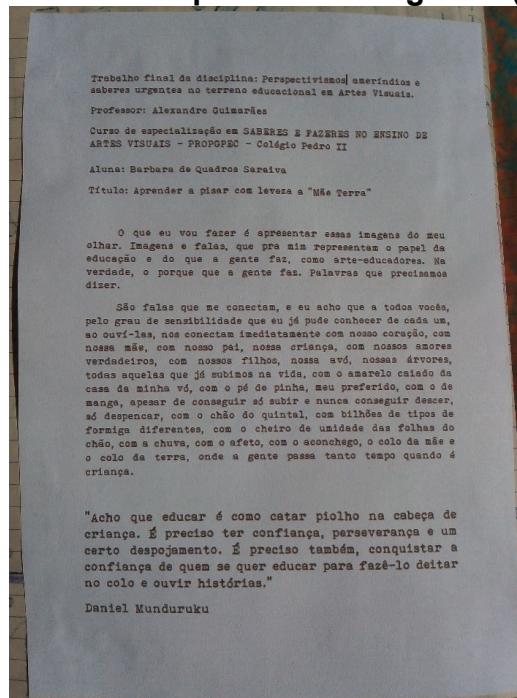
Esta complexa e absolutamente reveladora (c)a/r/tografia de saberes e fazeres, articulada a ensinamentos e ancestralidades, repleta de atravessamentos, constituídos, enfim, por ricas lições de vida e valiosas experiências artísticas e culturais, me ajudou a me reconectar com minha origem. De tão impactantes e fortes que foram essas experiências que, na aula de *perspectivismos ameríndios e saberes urgentes no terreno educacional em artes*, quando fui apresentar o trabalho para a turma, não conseguia mais falar, só chorava, tomada pela emoção dos muitos momentos oferecidos nesse percurso de autoconhecimento e descobertas.

**Figura 18 – Página com frases de Ailton Krenak e Walter Benjamin sobre crianças**



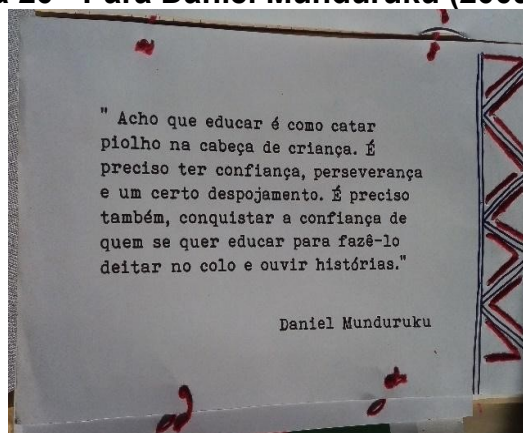
Fonte: acervo da autora.

**Figura 19 - A página do trabalho que não consegui ler (e foi lida pela Jacque)**



Fonte: acervo da autora.

**Figura 20 - Para Daniel Munduruku (2009, p. 79)**



Fonte: acervo da autora.

Em análise e elaboração de currículos, nossa última disciplina, fomos convidados pela professora Analu Steffen a fazermos nosso caderno em sala de aula, inspirados pelo texto de Miguel Arroyo, as grades da educação, o que foi, no meu caso, minha última página.

Arroyo nos leva a pensar o currículo como núcleo, espaço central mais estruturante da função da escola, na construção espacial do sistema escolar.

Movimentos (feminista, LGBT, negro, indígena, quilombola, do campo) que pressionam por currículos de formação e de educação básica mais afirmativos dessas identidades coletivas. Que pressionam, ainda, para que entrem no território do conhecimento legítimo as experiências e os saberes dessas ações coletivas, para que sejam reconhecidos sujeitos coletivos de memórias, histórias e culturas. Os movimentos sociais trazem indagações e disputas para o campo dos currículos e da docência. [...]A chegada de outras crianças e adolescentes às salas de aula obriga os professores que têm sensibilidade para vê-los, a criarem novas autoimagens de sua condição docente. Criam outros sentidos para as salas de aula. Dessas infâncias e adolescências vêm demandas de outros significados para as escolas, para a docência e para o próprio currículo e seus ordenamentos e conhecimentos." (ARROYO, 2011, p. 223).

Faz-nos entender que em toda disputa por conhecimentos estão em jogo disputas por projetos de sociedade. Devemos questionar os conhecimentos tidos como necessários, inevitáveis, sagrados, confrontando-os com outras opções por outros mundos mais justos e igualitários, mais humanos, menos segregadores dos coletivos que chegam às escolas.

Reconhecer diferenças e novos significados nos confere um papel pedagógico, e sobretudo político de oferecer oportunidades de participação e seu planejamento envolve ação reflexiva e contínua. Ato que constantemente deve ser permeado por processo de avaliação e revisão de procedimentos.

**Figura 21 - As grades na educação**



Fonte: acervo da autora.

“Há grades que têm por função proteger o que guardam e há grades que têm por função não permitir a entrada em recintos fechados.” (ARROYO, 2011).

### 3. CONSIDERAÇÕES “FINAIS”

Ao analisar todo o meu processo de aprendizado neste curso de especialização em Saberes e Fazer no Ensino de Artes Visuais do Colégio Pedro II, afirmo que a produção do CADERNO DE ARTISTA e a tradução textual desta narrativa se destacam como experiência fundamental desta formação. Nessa escrita-descoberta, a relação que permeia a minha subjetividade e o autorreconhecimento, pessoal e profissional, como especialista em Saberes e Fazer no Ensino de Artes Visuais.

Ao final deste longo percurso, a convicção de que ser professora não apenas significa ser uma profissional que atue em sala de aula na formação de tantos indivíduos, mas, além disso, uma pessoa cuja trajetória, reflete o seu fazer cotidiano. O Caderno de Artista, juntamente com a presente reflexão, me ajudou a me perceber como sujeito criativo e a/r/tógrafa, articulando-me a múltiplos conhecimentos e repertórios, contextos e contornos, enfim, que seguem me influenciando sobre os rumos do meu presente e porvir, no campo da investigação artística desdobrada de si.

Reforço que apenas após a análise da construção do caderno vejo um ciclo completo, envolvendo texto-imagem. Assim, vejo no Ensino da Arte a necessidade de todos os professores buscarem pela pesquisa artística própria, pela sua A/R/TOGRAFIA. Nesse sentido, a presente análise investigativa deseja estimular alunos e docentes a registrarem suas pesquisas pessoais próprias através da produção do caderno de artista, como território da livre expressão de si mesmos, contribuindo para que a formação em artes se torne mais completa, compreendendo melhor a complexidade das práticas escolares e o próprio processo de Ser professora de Artes Visuais.

Sou grata a todos os professores, artistas,  
e colegas de curso pelo percurso e pelas experiências.

Barbara de Quadros Saraiva

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre o saber da experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação – N°19, 2002.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife: Ed. Massangana, 2006.

COMO Vai Você, Geração 80? In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento83465/como-vai-voce-geracao-80>. Acesso em: 08 de setembro de 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

COHN, Greice. **O Ensino da arte contemporânea possibilitando mudanças nos modos de percepção da arte**. Anais do 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais. Salvador, 2009. Disponível em: <https://www.slideshare.net/Fiadedeus/greice-cohn-o-ensino-da-arte-contempornea-possibilitando-mudanas>.

COSTA, Marcus de Lontra. **ONDE ESTÁ VOCÊ GERAÇÃO 80? – CCBB, 2004**.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FILHO, Aldo Victório. **Pesquisar o ensino da arte hoje**. In: Arte e cultura: ensaios / organização Maurício Barros de Castro. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

FRADE, Isabela & GUIMARÃES. **Espaço Crítico: Discursividades sobre a (In)visibilidade Indígena na Escola**. Congresso Internacional Matéria-Prima. Lisboa: FBAUL, 2018.

IRWIN, R. L. **A/r/tografia**. In: DIAS, B.; IRWIN, R. L. (Orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

KOPENAWA, Albert, Bruce, Davi. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro – 1ª Edição – São Paulo: Cia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUNDURUKU, Daniel. **O Banquete dos Deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira**. 2. Ed – São Paulo: Global, 2009.

PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virginia. ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. PoA. Sulina, 2009.

PIMENTEL, Lúcia Gouveia. **A Cognição Imaginativa na formação de professor@s / artistas – Experiências em diálogo**. Anais do XXVI CONFAEB – Boa Vista, novembro de 2016.

SILVEIRA, Nise da. **O Mundo das Imagens**. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1992.

VIVEIROS DE CASTRO. Eduardo. **Perspectivismos e multinaturalismos: a inconstância da alma selvagem**. Cosac & Naify. São Paulo, 2002.

## APÊNDICE A – LINK PARA ACESSO AO CADERNO DE ARTISTA

O Link abaixo está disponível para que os leitores deste trabalho tenham acesso ao Caderno de Artista digitalizado em arquivo PDF:

[https://drive.google.com/file/d/1cLH\\_qCG5iSCOWFeypkb3nEUjq9zjRBXT/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1cLH_qCG5iSCOWFeypkb3nEUjq9zjRBXT/view?usp=sharing)